

Pós-Modernidade e Indústria Cultural: O Fim do Sujeito Revolucionário¹

Filipe Chang²

Janaina Frechiani Lara Leite³

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

RESUMO

Este resumo expandido tem como objeto de estudo a articulação entre indústria cultural e pós-modernidade na manutenção do sistema capitalista, com ênfase nos seus impactos sobre a organização da classe trabalhadora. O trabalho adota uma abordagem teórica qualitativa, por meio de revisão bibliográfica crítica de autores como Adorno, Horkheimer, Benjamin, Leal, Marcuse, Wood e Hall. A partir dessa base, busca-se compreender como as dinâmicas simbólicas operadas pela indústria cultural, aliadas ao pensamento pós-moderno, enfraquecem a consciência de classe e dificultam a construção de um projeto emancipatório.

PALAVRAS-CHAVE: indústria cultural; pós-modernismo; capitalismo; arte; neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, assistimos à ascensão de movimentos de extrema-direita no Ocidente, paralelamente ao enfraquecimento da esquerda revolucionária. Este trabalho tem como objetivo compreender como as transformações simbólicas e culturais promovidas pela indústria cultural, em sintonia com pressupostos pós-modernos, contribuem para essa conjuntura. Ao investigar a atuação desses mecanismos na desarticulação da consciência de classe, busca-se oferecer uma leitura crítica da realidade contemporânea.

INDÚSTRIA CULTURAL

O termo indústria cultural teve seu berço na Escola de Frankfurt, desenvolvido inicialmente na obra Dialética do Esclarecimento (Adorno e Horkheimer, 1985), onde o conceito é definido como um conjunto de meios de comunicação de massa que constituem uma lógica de produção, apropriação e mercantilização dos bens culturais. No texto,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Graduando do Curso de Comunicação Social, com Habilitação em Publicidade e Propaganda da UFES, email: filipe.chang@edu.ufes.br

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Comunicação Social, com Habilitação em Publicidade e Propaganda da UFES, email: janainalcite@hotmail.com

Theodor Adorno e Max Horkheimer descartam a existência de uma divisão sociocultural implementada no corpo social e discorrem sobre como os meios de comunicação de massa impactam diretamente a concepção ideológica nas sociedades modernas e a estruturação de suas relações, assegurando formas de controle que pairam sobre o social dentro do capitalismo.

Como destacado no artigo *Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer* (Costa et al., 2003), em sociedades arquitetadas pela indústria cultural, a ideia de liberdade de escolha é amplamente difundida e os padrões comportamentais são transferidos de modo a parecerem espontâneos e individuais, quando, na verdade, não o são. A indústria cultural tem como característica a padronização dos produtos culturais e a deturpação do papel filosófico que a cultura exercia anteriormente, resultando em sua legitimação enquanto comércio e na simplificação da figura do consumidor.

Ainda associado à Escola de Frankfurt, o ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (Benjamin, 1994) também contribui para a temática. No texto, Walter Benjamin disserta sobre o esvaziamento da arte na contemporaneidade, argumentando que, em decorrência do progresso da técnica de reprodução, as formas de arte deixaram de possuir aura⁴ e se transformaram, também, em um fenômeno social de massa. Segundo Benjamin, uma das consequências disso é a perda da subjetividade humana, sendo substituída pela instrumentalidade.

PÓS-MODERNISMO

Como constatado por Leal (2008), os discursos pós-modernos nasceram entre o final dos anos 1940 e o início dos anos 1970, na chamada “Era de Ouro” do capitalismo, onde medidas estabelecidas pela social-democracia amenizavam os conflitos entre capital e trabalho e garantiam o Estado de Bem-Estar Social, ao mesmo tempo que consolidavam o consumismo e o ceticismo perante teorias que denunciavam a exploração da classe trabalhadora. Inicialmente, o termo aparece como uma tendência artística e estética, porém, ao longo das décadas, muitos filósofos passaram a compreendê-lo também como um fenômeno contemporâneo que abrangia as demais facetas da sociedade. O conceito não comprehende a realidade como um todo orgânico, mas sim como um conjunto de comunicações linguísticas, signos, inter-relações múltiplas – e conflituosas – que se

⁴ “Uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja.” (Benjamin, 1994)

sobrepõem à realidade concreta. Ellen Wood discorre sobre essa característica da pós-modernidade da seguinte forma:

Os pós-modernistas interessam-se por linguagem, cultura e “discurso”. Para alguns, isso pode significar, de forma bem literal, que os seres humanos e suas relações sociais são constituídos de linguagem, e nada mais, ou, no mínimo, que a linguagem é tudo o que podemos conhecer do mundo e que não temos acesso a qualquer outra realidade. (Wood, 1996, p. 10 apud Leal, 2008, p. 27).

O pós-modernismo difunde a inexistência da possibilidade de uma análise da realidade concreta, o que determina uma de suas principais características: a perda de credibilidade nas metanarrativas⁵. Sendo assim, essa ideia decreta o fim da compreensão da humanidade enquanto construtora de sua própria realidade – já que é impossível comprehendê-la – e acaba com qualquer perspectiva de emancipação humana.

Podemos atestar também, no artigo A Pós-modernidade e a Sociologia (Taschner, 1999), que Baudrillard, um dos principais autores pós-modernos, contribui para a temática ao introduzir o conceito de maioria silenciosa no debate. Ao definir o termo, o autor o equipara ao que corresponde às massas; porém, em sua concepção, estas são neutras e indiferentes, inaptas para transparecer qualquer parâmetro do social. Baudrillard também evidencia o fenômeno do simulacro⁶, denunciando que, na pós-modernidade, a sociedade passa a ser regida por códigos e modelos predefinidos de organização social que estruturam o cotidiano. Em suma, a realidade concreta perde seu lugar para o que está sendo reproduzido, que, por sua vez, é tomado como real.

INDÚSTRIA CULTURAL E PÓS-MODERNIDADE

Neste capítulo, usaremos como base principal o texto Pós-modernismo, Indústria Cultural e Arte (Leal, 2008). Após constatarmos que as ideias embrionárias do pós-modernismo tiveram suas origens na “Era de Ouro” do capitalismo, depreende-se que o conceito foi formulado numa época em que os indivíduos compreendiam a prosperidade como algo eterno e inerente ao próprio sistema capitalista. A perspectiva marxista de como opera o capitalismo evidencia que, por vezes, o sistema enfrenta crises que obrigam a burguesia – a fim de assegurar sua dominação – a procurar meios para superá-las. Desse

⁵ “Metanarrativas são filosofias da história que narram modelos explicativos universais e estáveis, ou seja, são “metassaberes” que estabelecem a perspectiva de conhecer a realidade e poder realizar um mundo mais justo; poder, através do conhecimento, emancipar o homem, trazer-lhe a luz, salvá-lo do obscurantismo, da selvageria, da alienação.” (Silva, 2012)

⁶ “Uma realidade além da realidade, que, apreendida por todos no cotidiano, transforma tudo, do mais próximo ao mais distante, em uma noção de verdade vivida, mesmo que não diretamente.” (Oliveira, 2005)

modo, após o fim da era de ouro, a social-democracia dá lugar ao neoliberalismo, que não surge como uma mudança histórica protagonizada por uma revolução, mas sim como um novo estágio de desenvolvimento do capitalismo, cujo objetivo era amenizar uma dessas crises.

Dito disso, faz-se necessário enfatizar o papel do pós-modernismo na legitimação dos instrumentos neoliberais destinados à manutenção do capitalismo. Visto que as concepções pós-modernas que constatam o fim das metanarrativas e a ausência de um sujeito que sequer acredita ser capaz de moldar sua realidade concreta, somadas ao discurso neoliberal que coloca o capitalismo como a única possibilidade histórica, foram adotadas como justificativa ao neoliberalismo pelos meios oficiais e intelectuais.

Partindo para a análise de como a indústria cultural opera na lógica pós-moderna, destaca-se primeiramente o desenvolvimento da mesma no neoliberalismo, decorrente da realocação de investimentos do setor produtivo para o setor de serviços, o que potencializou o papel ideológico desempenhado pelos veículos de comunicação. Nesse cenário, a visão de uma economia autônoma e de um livre mercado é divulgada como o único meio para se alcançar uma possível liberdade.

Enquanto a arte moderna se propunha a travar uma luta contra a cultura mercantil de massas, tentando evitar se rebaixar a um objeto de consumo instantâneo e de características vazias, a arte pós-moderna se coloca abertamente como uma mercadoria, evidenciando e celebrando seu caráter reproduzível e mercadológico. As obras produzidas pela indústria cultural na pós-modernidade são caracterizadas pela valorização do individualismo, do campo simbólico e da experiência imediata. O ato de consumir determinada mercadoria cultural se justifica em si próprio, negligenciando o conteúdo da mercadoria em questão.

Herbert Marcuse discute, no prefácio de seu livro *Eros e Civilização* (1975), a ideia de que o operariado industrial não é mais um sujeito revolucionário, pois, graças aos impactos da social-democracia, o mesmo se sente libertado das opressões e integrado ao sistema. Segundo Marcuse, esse papel disruptivo passou a ser protagonizado por indivíduos marginalizados pela sociedade, como, por exemplo, povos colonizados e minorias raciais. Nesse contexto, podemos associar a difusão de características pós-modernas a uma estratégia adotada pelo neoliberalismo a fim de enfraquecer a compreensão das relações de poder, dominação e oposição entre classes e Estados;

buscando assim substituir o caráter coletivo e revolucionário dos povos marginalizados – apontados por Marcuse – pelo individualismo, o que resulta na adesão de lutas fragmentadas. Referente a isso, sob uma perspectiva marxista, Ellen Wood escreve:

O pós-modernismo implica uma rejeição categórica do conhecimento “totalizante” e de valores “universalistas” – incluindo as concepções ocidentais de “racionalidade”, idéias gerais de igualdade (sejam elas liberais ou socialistas) e a concepção marxista da emancipação humana geral. Ao invés disso, os pós-modernistas enfatizam a “diferença”: identidades particulares, tais como sexo, raça, etnia, sexualidade; suas opressões e lutas distintas, particulares e variadas; e “conhecimentos” particulares, incluindo mesmo ciências específicas de alguns grupos étnicos (Wood, 1996, p. 13 apud Leal, 2008, p. 28).

A crítica da autora refere-se à estratégia do neoliberalismo em se apropriar de discursos e individualizá-los, abordando-os de maneira superficial na pós-modernidade – como um meio de fragmentar e desorganizar a população – desviando a atenção do aparelho de opressão que atravessa todas essas causas e que atinge a sociedade em sua totalidade: o capitalismo. Podemos observar mais das implicações políticas decorrentes desse fenômeno na obra *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2007), de Stuart Hall, onde o autor discute sobre a descentralização do sujeito e cunha o termo “jogo de identidades”. Nas palavras do autor:

Nenhuma identidade singular - por exemplo, de classe social - podia alinhar todas as diferentes identidades com uma "identidade mestra" única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas (Hall, 2007, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre pós-modernismo e indústria cultural tem como efeito a despolitização da cultura e a fragmentação das lutas sociais. O neoliberalismo se beneficia dessa dinâmica ao propagar a ideia de que o capitalismo é inevitável e que não há alternativas históricas. Com isso, dificulta-se a construção de um sujeito coletivo revolucionário. A cultura se torna espetáculo e o consumo, símbolo de liberdade. Cabe à crítica teórica revelar essas estruturas e propor caminhos que resgatem a possibilidade de emancipação coletiva. Nas palavras de Marcuse:

(...) o próprio escopo e eficácia da introjeção democrática suprimiu o sujeito histórico, o agente de revolução: as pessoas livres não necessitam de libertação e as oprimidas não são suficientemente fortes para libertarem-se. Essas condições redefinem o conceito de Utopia: a libertação é a mais realista, a mais concreta de todas as possibilidades históricas e, ao mesmo tempo, a mais racionalmente, mais eficazmente reprimida — a possibilidade mais abstrata e remota (Marcuse, 1975, p. 16).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Alda C.; PALHETA, Arlene N.; MENDES, Ana M.; LOUREIRO, Ari. Indústria Cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo Idéias**, Belém, v. 8, n. 13, p. 13-22, jun 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2007.

LEAL, Leila. **Pós-modernismo, Indústria Cultural e Arte: mecanismos de reificação e o lugar do sujeito na contemporaneidade.** Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2008.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

OLIVEIRA, Fabiano. Conhecendo o simulacro. **Calígrafo (São Paulo. Online)**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2005.61336>. Acesso em: 01/08/2024.

SILVA, Lorena P. Metanarrativas e Jogos de Linguagem: Lyotard e a Crítica à Modernidade. **Caderno de resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-lingüístico e a historiografia: balanço e perspectivas.** Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

TASCHNER, Gisela. A Pós-modernidade e a Sociologia. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 42, p. 6-19, junho/agosto 1999.